

Resenha do livro “Dizer o que não se deixa dizer: para uma filosofia da expressão” de Rodrigo Duarte.

Marlon Santos Trindade¹

Este livro do filósofo Rodrigo Duarte, que é uma coletânea de textos seus já antes publicados, fala do dito de Adorno (de inspiração benjaminiana): “dizer o que não se deixa dizer”, onde a expressão surge como antípoda da comunicação. A expressão está ligada ao caráter estético próprio das artes, em especial a música, e se põe a expressar o sofrimento humano. Eis seu impulso mimético, oferecendo um alívio para o emissor. A comunicação é adaptação do espírito ao que é útil, onde há uma neutralidade daquilo que é dito.

No primeiro texto, intitulado “Expressão como atitude filosófica”, Duarte nos mostra como certas formulações filosóficas de Adorno e Horkheimer, como “Verdadeiros são apenas os pensamentos que não se entendem a si mesmos” (p.15) levam Habermas a chamá-las de “contradições performáticas”, propondo uma “Teoria da ação comunicativa.” Para Habermas, os filósofos incorporam o comportamento mimético em uma teoria do discurso, o que tira de tal crítica o suporte de uma teoria. Eles erram nos meios que utilizam para criticar a razão instrumental. Habermas propõe um “deslocamento de uma

¹ Mestrando do curso de estética e filosofia da arte da Universidade Federal de Ouro Preto

racionalidade do tipo cognitivo-instrumental para uma racionalidade comunicativa” (p.20), onde o que passa a carecer de explicação é a “intersubjetividade de um possível entendimento”, e não mais a de uma “natureza objetivada” (p.20). Isto é, para ele, toda negação generalizada se auto destrói.

Duarte nos explica a não superação da teoria crítica em Adorno e Horkheimer. Segundo ele, a *Dialética do esclarecimento* mostra como a concepção de razão se estreita e se concentra nos aspectos operacionais de suas ações, excluindo assim seu *telos*, que é a confluência entre liberdade e razão. São os interesses econômicos ligados à dominação que atrofiaram a razão, tirando dela o potencial de trazer a felicidade humana. Tal sistema enfeitiçou as relações humanas, e nele o homem objetivou seu espírito. Seu caráter repetitivo acabou por aproximar mito e ciência, onde tudo é igual a tudo, o que tira do eu seu idêntico a si mesmo. É o *modus operandi* da lógica da ciência moderna que se universalizou, porque são sinais da reificação da vida moderna. Tal ordem tira a cognição da arte. O sujeito se distancia de sua consciência e a linguagem é atingida por esta separação.

É para uma cognição artística que Duarte chama a atenção, onde a racionalidade da arte se mostra como uma alternativa à reificação, mas como “sinal de uma possível superação”, (p.29) uma promessa de felicidade. Aqui uma imagem é uma escrita, onde a linguagem vai para além de comunicar, ela expressa via aspectos formais e miméticos algo mais geral da humanidade, a natureza oprimida. Aqui há um conflito na obra entre forma e aparência, que é sem solução, sempre o foi, e é nessa tensão que a obra fala sem palavras e se torna “ferida social”.

Assim, a expressão se torna atitude filosófica, pois experimenta em si a contradição, evitando a ilusão ideológica de um mundo sem contradição, incluindo a mimese no

discurso conceitual. É na não exterioridade entre o que se diz e a forma que se diz, que Adorno quer evitar uma mera “visão do mundo” como filosofia. É a expressão como diferença entre ciência e filosofia, onde a filosofia penetra nas camadas mais profundas de uma realidade que subjaz à realidade da aparência da reconciliação universal. A dialética retoma o momento retórico, o que aproxima coisa e expressão, eliminando as diferenças. Por uma expressão não pré-formada, que via eloqüência, nega a plasticidade da linguagem.

No segundo texto “Sublimação ou expressão? Um debate sobre arte e psicanálise a partir de T. W. Adorno”, Duarte nos mostra como o filósofo frankfurtiano apropriou-se do termo psicanalítico sublimação em sua teoria crítica, bem como ele aponta suas insuficiências para analisar a obra de arte.

O autor também recupera Freud, para quem a sublimação está ligada aos interesses efetivos do indivíduo e da sociedade, uma vez que contra o sofrimento, o indivíduo se serve das transposições da libido de caráter erótico para algo mais elevado, a saber, a criação artística. Essa obra apresenta elementos que podem garantir a aceitação de grande parte da sociedade e da academia, afinal, o fruitor também usufrui dessa satisfação, evitando assim o caráter repressivo das pulsões adquiridas pela sociedade moderna, pois a liberação dessas pulsões seria o fim da coesão social. Torna-se, assim, a sublimação um mecanismo vital para a economia psíquica das pessoas. Dessa forma, Freud vê o surgimento da obra, bem como seu caráter formal, a partir da psicologia do autor.

Adorno e Horkheimer se apropriam do conceito de sublimação para sua crítica à cultura, onde via esclarecimento o homem, ao dominar a natureza, submete seu interior a este domínio. A apropriação do esquematismo kantiano pela indústria cultural resulta num “mal estar na cultura”. Isso leva às tendências masoquistas, que são a estrutura psíquica das massas, “o amor funesto do povo pelo mal que os outros lhe fazem (...) eles tem os seus

desejos, dos que os escravizam.” (p.50) A ameaça de castração na sociedade exercida pela indústria cultural é transformar “libido (...) insatisfeita em desempenho socialmente produtivo.” (p.53)

Duarte nos aponta como Adorno critica o conceito de sublimação como insuficiente para a interpretação da obra, pois Freud está interessado no diagnóstico do artista, e não na qualidade da obra. Ele desqualifica o aspecto formal da obra, e num possível estado de saúde mental não haveria mais obras. A música de vanguarda, como a de Schoenberg, não foi bem aceita pela sociedade. Adorno defende a expressão, pois é a dimensão espiritual formal das obras que as sustentam e as diferenciam dos produtos culturais.

No terceiro texto “A Dialética Como Liberdade de Expressão” Duarte nos mostra como a “dialética negativa” de Adorno é uma resposta ao *Tractatus logico-philosophicus* (1918) de Ludwig Wittgenstein. Se “do que não se pode falar, deve-se calar”, a tarefa filosófica primordial é “dizer o que não se deixa dizer”. (p.73)

Para Wittgenstein, “a linguagem é composta de fatos, onde os signos proposicionais, através dos quais exprimimos o mundo, são também fatos” (p.65). Com isso ele critica a metafísica e tira a ambigüidade entre signos e símbolos da linguagem. Para ele o método correto da filosofia são as ciências naturais. Segundo Adorno, o momento da filosofia é de expressão, não conceitual e mimético. Ele é objetivado via linguagem e com rigor. Duarte nos mostra que Adorno não é irracional, a suspensão temporária da lógica visa denunciar a desrazão que impera em um mundo que se diz todo racional.

No quarto texto, “Expressão estética: conceito e desdobramentos” Duarte faz uma retrospectiva da idéia de expressão como abordagem filosófica dos fenômenos estéticos, enfatizando que em Adorno, a concepção de expressão surge na relação do criador com a verdade de sua criação. Isso como um sintoma do estado geral da cultura em nossa época.

Para Adorno, em *Dialética Negativa*, a expressão surge como discurso filosófico a fim de implodir o processo parasitário da filosofia com relação às ciências. Na *Teoria Estética* a expressão está num processo dialético entre expressão e construção, onde é no seu outro que ela vai se realizar. A construção deve partir do impulso mimético.

No quinto texto, “O Conceito de linguagem de Benjamin e a Teoria estética de Adorno” Duarte nos mostra como que o conceito de linguagem de Benjamin, como aquilo que comunica a essência espiritual dos homens, influenciou Adorno.

Benjamin contrapõe o “conceito purificador” do “conceito burguês” de linguagem. No primeiro, “nomear é a essência da linguagem humana como um eco da atividade criadora da palavra de Deus”. (p.104) Eis o estado paradisíaco. Após a queda, veio a concepção burguesa de linguagem como um mero meio de comunicação. Segundo Benjamin é a arte que vai reintroduzir um relacionar entre os signos mudos da natureza e a expressão não verbal da arte, como “símbolo do que não é comunicável”. (p.105) Adorno e Horkheimer insistem na necessidade da modernidade estilística que vai imitar o belo natural em si da natureza – o belo natural kantiano.

No sexto e último texto, “O Conceito de expressão de Adorno e a relação entre música e filosofia” Duarte nos mostra que “a origem da idéia de expressão de Adorno está na própria música.” (p.122) onde há uma relação dialética entre expressão e construção. Expressão na música é a “hostilidade da música à linguagem” (p.124). Ela assim expressa a impotência das pessoas na sociedade contemporânea.

É justamente este o mérito de Schoenberg, pelo menos para Adorno. Ele transforma o elemento expressivo em material musical, e ao superar a fase atonal, equilibra o subjetivo com o objetivo, alcançando assim a frieza como expressão musical. Para Adorno, Schoenberg utilizou-se da expressão em suas composições musicais, denunciando,

indiretamente, a opressão do indivíduo. Já Stravinsky é conivente com a opressão e com o mundo administrado, sua música é “esquizofrênica”, uma “hebefrenia”, uma “doença estética” (p.127). A indústria cultural, ao negar o subjetivo e o expressivo, utiliza-se da música popular e a torna linguagem normal, fazendo-a perder a expressão.

Esta obra de Rodrigo Duarte é um convite para repensarmos o fazer filosófico. Opressão humana... Como não dizer o que não se deixa dizer?

DUARTE, Rodrigo. *Dizer o que não se deixa dizer: para uma filosofia da expressão*. Chapecó: Argos, 2008.